



## NOVO GOVERNO

Ricardo Stuckert/Lula



Sônia Guajajara, primeira indígena a assumir o cargo de ministra abraça a ex-presidente Dilma Rousseff, ao lado de Janja, esposa de Lula, que também empossou Anielle Franco, titular da pasta de Igualdade Racial

# Mulheres do Brasil

Simbolismos: Sônia Guajajara assume o Ministério dos Povos Indígenas com homenagem a Bruno Pereira e Dom Phillips, e Anielle Franco é empossada ministra da Igualdade Racial, com reverência à memória da irmã assassinada, Marielle

» HENRIQUE LESSA  
» KELLY HEKALY\*

As simbologias que aquecem memórias e pre-nunciam um Brasil que se deseja construir pelo novo governo federal permearam, na noite de ontem, no Palácio do Planalto, a solenidade de posse de Sônia Guajajara (PSol-SP) e Anielle Franco aos ministérios dos Povos Indígenas e da Igualdade Racial, respectivamente. O ato, prestigiado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e por quase todas

as ministras mulheres também contou com a presença de diversas lideranças do movimento negro e de povos indígenas, muitas vestidas em trajes tradicionais. A cerimônia foi marcada pela sonoridade da cultura de matriz africana e dos cantos indígenas. O Hino Nacional foi entoado na língua tikuna e, depois, em português. Foram, também, uma demonstração da coesão do governo após os atos terroristas do último domingo. Apesar da presença do presidente, apenas as duas ministras discursaram. A palavra era só delas.

“A cerimônia de hoje guarda um simbolismo muito especial. Depois dos atentados sofridos por esta Casa e pelo povo brasileiro, no último domingo, pisamos aqui em sinal de resistência a toda e qualquer tentativa de atacar as instituições e a nossa democracia. O fascismo, assim como o racismo, é um mal a ser combatido em nossa sociedade”, disse Anielle Franco, sob muitos aplausos. Sônia Guajajara discursou antes, reforçando a luta pelos direitos dos povos que ela representa e dos negros — marcados na alma pela escravidão

e extermínio —, hoje unidos sob a mesma bandeira de um Estado democrático. “É o mais legítimo símbolo dessa resistência secular preta e indígena do nosso Brasil. Estamos aqui, hoje, nesse ato de coragem, para mostrar que destruir essa estrutura do Palácio do Planalto, do Supremo Tribunal Federal e do Congresso Nacional não vai destruir a nossa democracia”, disse a ministra. “Aqui, Sônia Guajajara e Anielle Franco convocam todas as mulheres do Brasil para dizermos juntas: nunca mais vamos permitir um outro golpe no nosso país”,

clamou Sônia, para, em seguida, puxar um coro “Sem anistia!”, em referência ao ex-presidente Jair Bolsonaro e aos envolvidos direta e indiretamente nos atentados da extrema-direita em Brasília. Uma das mais aplaudidas na cerimônia foi a ex-presidente Dilma Rousseff, que estava no palco com o presidente Lula; a primeira-dama, Janja Lula da Silva; o vice-presidente, Geraldo Alckmin; e os ministros da Justiça Flávio Dino, e dos Direitos Humanos, Sílvia de Almeida. No evento, o presidente Lula sancionou a lei que

equipara injúria racial ao crime de racismo. A lei, aprovada em dezembro pelo Congresso, aumenta a punição nos casos de injúria. “Neste dia histórico em que o verdadeiro Brasil toma posse, a partir da caneta de nosso presidente Lula e com o peso de uma luta de gerações pela criminalização do racismo, damos mais um passo no caminho da promoção de reparação e igualdade”, destacou a ministra da Igualdade Racial.

\*Especial para o Correio

## Mais do que uma voz na luta antirracismo

Anielle Franco nasceu na comunidade da Maré, uma favela do Rio de Janeiro. Anos depois, a menina negra e pobre que começou a jogar vôlei aos 8 anos de idade, foi estudar nos Estados Unidos, graças a bolsas que conquistou a partir do esporte. Por lá viveu por por doze anos. Com auxílio desses subsídios, Anielle frequentou diversas instituições norte americanas, inclusive escolas historicamente negras, onde foi influenciada pelo pensamento antirracista, que a ajudou a construir sua identidade de mulher preta. Formou-se, em 2003, em inglês e literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Jornalismo, em 2008, pela Universidade Estadual da Carolina do Norte (EUA). Em 2010, obteve seu mestrado em relações étnico-raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Quando sua irmã, Marielle Franco, foi assassinada, no Rio de Janeiro, por pistoleiros ligados à milícia, Anielle atuava como professora. Depois do atentado, fundou o instituto que leva o nome da irmã. Além de preservar a história de Marielle, o instituto atua desenvolvendo ações sociais com foco no empoderamento de mulheres negras e jovens periféricas. Um dos objetivos da organização não governamental que dirige é disseminar informações de interesse social e combater a violência

política de gênero e racial. Durante o discurso, a ministra da Igualdade Racial se emocionou ao falar da irmã. “Desde o dia 14 de março de 2018, dia em que tiraram Marielle da minha família e da sociedade brasileira, tenho dedicado cada minuto da minha vida a lutar por justiça, defender a memória, multiplicar o legado e regar as sementes de minha irmã. Nesse caminho, fundamos o Instituto Marielle Franco, organização que se tornou referência no combate à violência política de gênero e raça e na defesa de direitos de mulheres negras, pessoas LGBTQIAP+ e periféricas”, disse a ministra. Para Anielle a sociedade precisa discutir o racismo de forma mais aberta, como outros países já vêm fazendo, e “encarar a realidade de que essa política da guerra nas favelas e periferias nunca funcionou. Pelo contrário, apenas segue dilacerando famílias e alimentando um ciclo de violência sem fim”, apontou a ministra. “Se o mundo em que queremos viver é um mundo onde todas as pessoas tenham o igual direito e oportunidade de serem felizes, já passou da hora de pararmos de repetir as fórmulas fracassadas que não entregam nada disso!” Anielle também criticou duramente a política do governo anterior no enfrentamento da pandemia. “Não podemos deixar de mencionar o negacionismo do último governo federal com relação

Se o mundo em que queremos viver é um mundo onde todas as pessoas tenham o igual direito e oportunidade de serem felizes, já passou da hora de pararmos de repetir as fórmulas fracassadas que não entregam nada disso”

Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial

às políticas de prevenção e enfrentamento à covid-19, bem como o atraso na vacinação, dentre outras questões que culminaram em resultados que atingiram de forma desigual a população brasileira, sendo a população negra a mais afetada”, disse a ministra. Na Igualdade Racial, Anielle Franco anunciou Roberta Eugênio para a Secretaria Executiva; Flávio Tambor como chefe de gabinete; Márcia Lima no comando da Secretaria de Políticas de Ações Afirmativas, Combate e Superação ao Racismo; Iêda Leal na Secretaria de Gestão do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial; e na Secretaria de Políticas para Quilombolas, Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana, Povos de Terreiros e Ciganos, Ronaldo dos Santos. (HL)

## Líder de seu tempo, respeito aos ancestrais

Sônia Guajajara entra para história ao se tornar a primeira indígena a chefiar um ministério. Com 48 anos, a ministra dos Povos Indígenas vem da etnia guajajara/tenetehara, da região de Arariboia, no Maranhão. Aos 10 anos, deixou sua aldeia para estudar em Imperatriz (MA), onde trabalhou como empregada doméstica em troca de moradia. Aos 15 anos, foi cursar o ensino médio em um internato em Belo Horizonte. De volta ao Maranhão, formou-se em letras e enfermagem na Universidade Estadual do Maranhão, e cursou pós-graduação em educação especial. Hoje, uma das principais lideranças femininas indígenas do país, Guajajara está à frente da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil e, nas últimas eleições, foi eleita a primeira deputada federal indígena por São Paulo. Em 2022, foi conselheira, pela revista americana Time, uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. No seu discurso de posse, Guajajara ressaltou a importância da história ancestral dos povos indígenas do país. “Se estou aqui hoje, é graças à força ancestral e espiritual de meu povo guajajara-tenetehara, graças à resistência secular da luta dos povos indígenas do Brasil, graças também à minha persistência de nunca desistir.” Na cerimônia, a ministra homenageou o indigenista Bruno Araújo Pereira e o jornalista

britânico Dom Phillips, assassinados em uma expedição ao Vale do Javari, no Amazonas, em junho de 2022. “Preciso destacar a força de Bruno Pereira e Dom Phillips, em memória de quem saúdo todos os nossos aliados e aliadas defensores do meio ambiente e dos direitos humanos.” Guajajara também enfatizou que os indígenas não estão no passado, vivem no mesmo tempo que o resto da população. “Somos contemporâneos neste presente e vamos construir o Brasil do futuro”. E destaca ser necessário combater o racismo e a invisibilidade de séculos da população indígena nacional. “Sabemos que não será fácil superar 522 anos em quatro. Mas estamos dispostos a fazer desse momento a grande retomada da força ancestral da alma e espírito brasileiros. Nunca mais um Brasil sem nós”, afirmou Guajajara. Também destacou a diversidade da população indígena, cuja imagem é, muitas vezes, romantizada. “Se é verdade que muitos de nós resguardam modos de vida que estão nos imaginários da população brasileira, é importante lembrar que temos muitas formas de vida diferentes.” A ministra apontou que as populações indígenas foram uma das que mais sofreram na pandemia de covid 19, fez duras críticas ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro e ao negacionismo

Não será fácil superar 522 anos em quatro, mas estamos dispostos a fazer deste momento a grande retomada da força ancestral da alma e espírito brasileiros. Nunca mais um Brasil sem nós”

Sônia Guajajara, ministra dos Povos Indígenas

defendido por ele, que deixou sequelas graves, principalmente, nas comunidades isoladas. Sob muitos aplausos, anunciou que será recriado o Conselho Nacional de Política Indigenista, que prevê uma participação paritária entre representações indígenas de todos os estados brasileiros e dos órgãos do Poder Executivo. A equipe de Sônia Guajajara terá Eloy Terena como secretário executivo; Jozi Kaingang, chefe de gabinete; Eunice Kerexu, secretária de Direitos Ambientais e Territoriais; Ceiza Pitaguary, secretária de Gestão Ambiental e Territorial Indígena; Juma Xi-paia, secretária de Articulação e Promoção de Direitos Indígenas; e Marcos Xucuru como assessor especial. (HL)